



Escrevem os Leitores

"...À Equipe de "O Desbravador": Desejo enviar meus parabéns pelo belo trabalho que tem feito e estimulá-la para que continue o seu apostolado, enfrentando os obstáculos que ocorram, com a certeza que as coisas de Deus são árduas e exigem magnanimidade..."

DOM ESTEVÃO BETTENCOURT
RIO DE JANEIRO - RJ

"...Gostaria de receber sempre "O Desbravador", inclusive os números atrasados..."

AFONSO CELSO DOS SANTOS
SÃO PAULO - SP

"...Quero aproveitar o ensejo desta carta para, mais uma vez, agradecer-lhes pela vinda de "O Desbravador" à minha casa. É um verdadeiro presente dos céus. Eis que verdadeiramente o Dedo de Deus corre pelas linhas de "O Desbravador", por isso cada letra sua vale ouro, e suas folhas cheiram santidade..
..Irmãos boníssimos que a Santíssima Trindade os abençoe e os proteja sempre, juntamente com a Puríssima Virgem Maria, junto com os seus anjos e santos..."

ANA MARIA TEIXEIRA LIMA
SÃO PAULO - SP

"...Parabenizo-os por este informativo tão importante e gostaria de receber os próximos exemplares..."

GERUSA DE LIMA SANTOS
SÃO PAULO - SP



O DESBRAVADOR

DIRETOR: MESSIAS DE MATTOS

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GREMIO "SANTA MARIA"

ASSISTENTES DE DIREÇÃO

Pe. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
ANSELMO LÁZARO BRANCO
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO

HERIBALDO C. DE BARROS
JAIR AGENOR RIBEIRO
GERALDO JOSÉ DE MATOS

REDAÇÃO

Pe. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS DA SILVA

SECRETARIA

SHEFFERSON SANDER FERREIRA
PATRÍCIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO M. RUFINO

EXPEDIÇÃO

WALADIER NERI S. MACHADO
JOÃO ELCI DO ROSÁRIO
JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO
RENATO VERÍSSIMO
ROGÉRIO VERÍSSIMO

COMPOSIÇÃO

ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"

CORRESPONDÊNCIA

CAIXA POSTAL - 6416
01064-970 SÃO PAULO SP



Editorial

Nossa capa apresenta a Adoração dos magos de Zurbaran, pintor espanhol. A cena mostra o momento em que os Santos Reis adoram ao Deus Menino, nos braços maternais de Nossa Senhora e Lhe oferecem ouro, incenso e mirra como presentes.

Quanto andaram eles! Como se fadigaram estes privilegiados reis para poder honrar a Nosso Senhor Menino! Com que alegria eles enfrentaram desertos, montanhas e rios para adorar ao Divino Infante! E com que amor eles O reverenciaram ao encontrá-lo nos braços de Maria.

Eles viveram então o seu grande momento e por este instante, eles serão perpetuamente lembrados através dos séculos.

Eles representaram os povos não judeus na manifestação de Nosso Senhor, recém Nascido, ao mundo.

Sublime foi a sua missão. Eles responderam integralmente a ela.

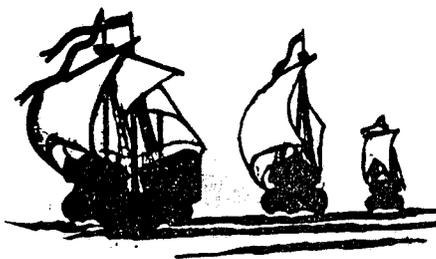
Ao aproximar-se mais um Natal, também nós somos chamados a honrar, homenagear e adorar ao Menino Jesus. Somos, ou trossim, convidados a presentear Nosso Senhor de maneira condigna e amorosa, nos braços de Maria.

Qual presente podemos oferecer a Ele? Podemos ofertar a Ele a nossa alma, o nosso coração. Este coração que, desgraçadamente, tantas vezes foi rebelde a graça de Deus, é o presente que tanto agradará Nosso Senhor, pois doravante será um coração dócil às graças Divinas.

Façamos este dom a nosso Deus. Começemos por uma boa confissão de nossos pecados. Façamos uma ótima Comunhão, e vivamos doravante na amizade de Deus.

Então nossa vida será sempre permeada pelas alegrias do Natal.

Nosso desejo é que Nossa Senhora, presente na adoração dos magos, nos dê a graça de ofertarmos a seu Filho este dom que tanto Ele merece.



A TODOS OS NOSSOS LEITORES, COLABORADORES E AMIGOS DESEJAMOS UM NATAL ABENÇOADO. QUE SEJA ELE O INÍCIO DE UMA VIDA VERDADEIRAMENTE CATÓLICA! QUE O MENINO JESUS NASÇA EM SEUS CORAÇÕES POR MEIO DE MARIA SANTÍSSIMA E ALI PERMANEÇA POR TODO ANO DE 1996 E POR TODA A VIDA, SÃO OS VOTOS DE "O DESBRAVADOR".



O BRILHO DA ESTRELA

O Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo foi anunciado aos judeus e aos gentios. Aos primeiros, representados pelos pastores de Belém, foi um Anjo que deu a Boa Nova, e um coro de Anjos que cantou o "Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade".

Já aos gentios, ou seja aos não judeus foi uma estrela que anunciou aos magos o inefável fato do Nascimento do Salvador. Aliás, São Leão Magno diz que a estrela que brilhou aos gentios não brilhou para os judeus, significando a iluminação dos gentios e a cegueira dos judeus.

Falando nessa estrela, gostaríamos de dizer que a todos os homens, a estrela da graça de Deus brilha. Brilha desde a Pia Batismal e nos acompanha pelo resto da vida. A uns ela brilha em um lar cristão, aonde nascem e crescem. A outros na hora da morte pela passagem de um sacerdote que lhes dá os Sacramentos no meio da rua após um acidente.

A alguns ela brilha na aurora da vida, a outros numa velhice penitente. Mas, a todos Deus envia a estrela da graça Divina. A todos Deus chama, como aos magos para oferecer ouro, incenso e mirra. Chama para que sejamos seus súditos e Lhe ofertemos o ouro do

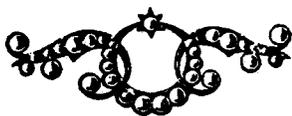
nosso serviço; chama para que ofereçamos o incenso de nossa vida numa contínua adoração ao Criador; chama, enfim, para Lhe darmos a mirra de nossos sofrimentos em união aos dEle, num verdadeiro ato de carregar a cruz.

Sim, a todos é dado o chamado à santidade. Então perguntamos: Porque não somos todos santos? Não somos, porque preferimos as ilusões desta vida passageira, os prazeres, os bens perecíveis, a fama estúpida. Não somos santos, em suma, porque, ao invés de imitarmos os magos, imitamos Herodes, que, ao saber por estes do Nascimento de Nosso Senhor, ao invés de adorá-lo, mandou matá-lo.

Na verdade, quantos, ao vislumbrar a estrela de Deus em suas vidas, ofuscam, apagam mesmo esta estrela com uma vida de pecados.

Devemos imitar os Santos magos, que ao verem a estrela, foram homenagear ao Deus Menino, nos Braços Santíssimos de Maria. E, imitemos-los também na volta para casa. Eles retornaram por outro caminho, como diz o Evangelho, querendo com isso dizer que após a aceitação da graça não devemos retornar a nossa vida passada.

Sigamos a estrela, adoremos Nosso Senhor, vivamos uma nova vida.



Santa Eufêmia

Eufêmia, filha de um senador, vendo as torturas sofridas pelos cristãos, vai até o juiz Prisco e, confessando-se cristã, anima pelo exemplo de sua constância, até mesmo o coração dos homens. Ora, quando o juiz fazia massacrar os cristãos sucessivamente, ele ordenava que outros assistissem, para que o terror e o medo os obrigassem a imolarem aos deuses, ao ver os seus irmãos serem estrangulados tão cruelmente. Como ele fazia decapitar com crueldade os santos em presença de Eufêmia, esta, que não cessava de encorajá-los, começa a gritar que o juiz estava lhe fazendo afrontas. Prisco então se alegra, ao imaginar que Eufêmia queria consentir em sacrificar aos deuses. Ao perguntar-lhe qual era a afronta que ele lhe dirigia, ela responde: "pois se eu sou de nobre estirpe, por que dás preferência aos desconhecidos e fá-los ir primeiro a Jesus Cristo, para que eles cheguem mais cedo à glória que lhes foi prometida?" O juiz lhe diz: "pensei que tivesses recuperado o teu bom senso ao fazer essa interpelação..."

Ela foi então encerrada em uma prisão e no dia seguinte, trazida, sem estar amarrada, juntamente com os outros que estavam amarrados. Ela lamenta-se novamente disso que, malgrado as leis dos imperadores, tinham concedido mais esse privilégio sómente a ela. Eufêmia então é acometida de bofetadas e aprisionada novamente. O juiz segue-a com intuito de fazer-lhe violência, mas ela luta contra ele como um homem, de tal maneira, que com a permissão de Deus, umas das mãos de Prisco é quebrada

Ele recorre então ao poder da sedução, enviando um servidor de sua casa até Eufêmia, para ver se, com a ajuda de promessas, não conseguisse arrancar-lhe um consentimento. Mas este homem encontra a prisão fechada; ele não pode abri-la com as chaves, nem a golpes de machado; enfim, tomado pelo demônio, ele desiste lamentando-se e rasgando as próprias vestes. Mais tarde fazem sair Eufêmia e colocam-na sobre uma roda em que as raias eram enchidas com carvão, e o mestre desse tormento, que estava

no meio da roda, dá o sinal para os outros puxarem e com ajuda do fogo que brota do centro da roda as raias põem em chamas o corpo de Eufêmia. Mas, por uma intervenção de Deus, as ferramentas que sustentavam a roda escapam e esmagam o mestre dos tormentos, e Eufêmia permanece de pé sobre a roda, salva e intacta. Nesse momento, os carrascos desolados metem fogo em toda a roda, mas Eufêmia é desprendida por um anjo e é vista de pé em um local elevado. Apeliano diz ao juiz: "a coragem dos cristãos só é vencida pela espada; portanto aconselho-o de fazê-la degolar." Arrumam então escadas, e como um deles levantasse a mão para tocar a santa, ele é imediatamente paralisado e descido meio morto.



Um outro entretanto, chamado Sosthene, sobe mas é logo convertido por Eufêmia à qual ele pede perdão; desembainha a espada e grita ao juiz que preferia morrer do que tocar uma pessoa defendida pelos anjos. Enfim ela é descida e o juiz diz a seu chanceler para reunir todos os jovens libertinos a fim de que eles a molestassem até que ela desfalecesse por esgotamento. Mas o primeiro que entra onde ela estava, vendo grande número de virgens resplandecentes e rezando em torno dela, torna-se imediatamente cristão. Então o presidente faz suspender a virgem pelos cabelos, mas como ela permanecia sempre inabalável, ele a faz voltar à prisão proibindo de servir-lhe qualquer alimento, e ao cabo de três dias ela deveria ser esmagada como um noz entre quatro grandes pedras. Mas Eufêmia foi alimentada por um anjo e ao ser colocada entre as pedras, estas, pelas suas preces, são reduzidas a uma cinza miúda. Em consequência o presidente, envergonhado de ser vencido por uma jovem donzela, manda atirá-la em um fôssco, onde havia três feras suficientes para devorar uma pessoa. Mas as feras aproximam-se da virgem com agrados e dispõem de suas caudas de maneira a lhe servirem de trono, confundindo ainda mais os seus algozes.

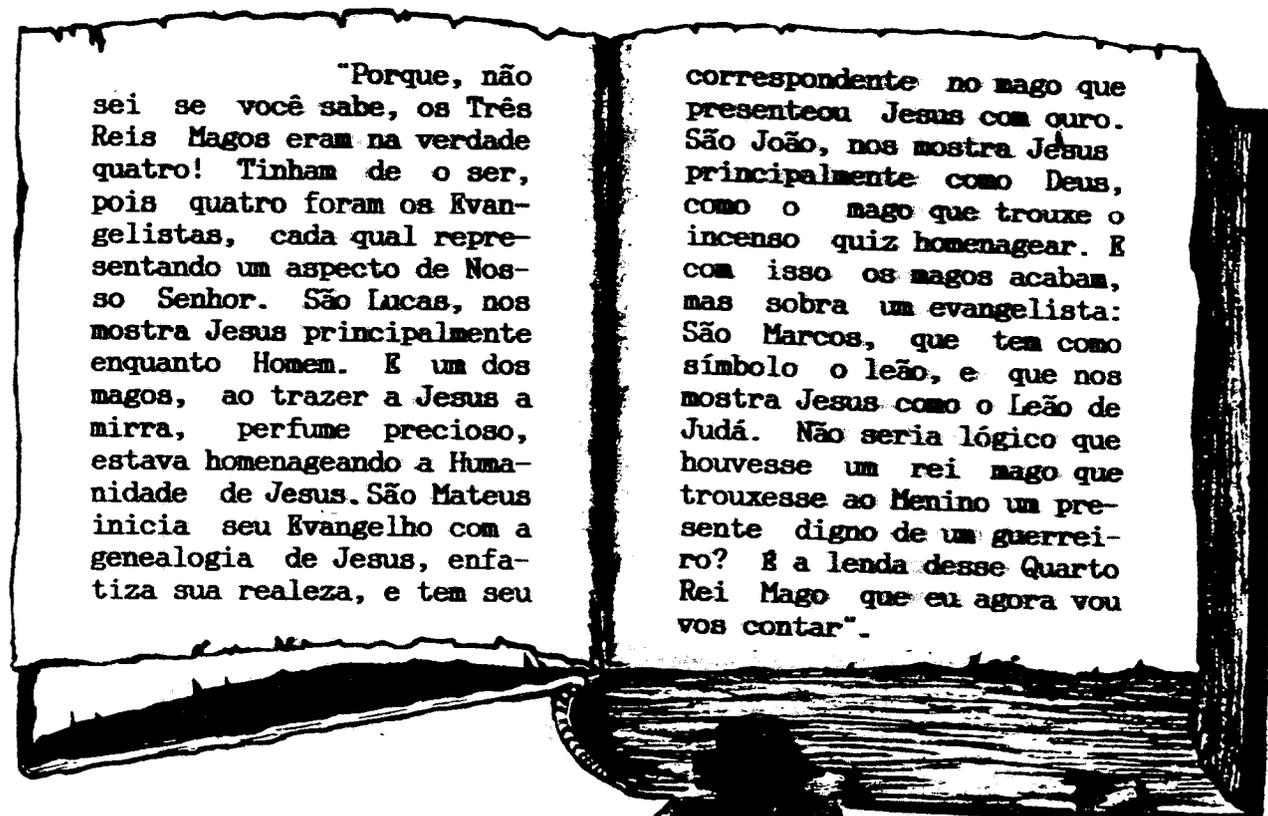
O presidente acaba morrendo de angústia, mas um outro carrasco, para vingar a afronta a seu mestre mergulha a espada no lado de Eufêmia e faz dela uma mártir de Jesus Cristo. Para recompensar o carrasco, o juiz reveste-o de uma roupa de seda, coloca-lhe no pescoço um colar de ouro, mas ao sair, é atacado por um leão que o devora, deixando apenas os ossos, a roupa de seda e o colar de ouro. O juiz se mata de forma horrenda. Santa Eufêmia é enterrada com honra em Calcedonia, e deve-se aos seus méritos a conversão de todos os judeus e gentios dessa cidade.



Seu martírio ocorreu no ano do Senhor de 280. Santo Ambrósio fala o seguinte desta santa: "esta ilustre virgem, esta gloriosa Eufêmia, conserva a glória da virgindade e mereceu receber a coroa do martírio. Prisco seu adversário foi vencido. Ela sai intacta de uma roda em chamas, as pedras mais duras são reduzidas a pó; animais ferozes se amolecem diante dela, suas orações lhe fazem superar toda espécie de suplício. Atingida pelo fio de uma espada, ela deixa a prisão da carne para se juntar com júbilo aos coros celestes".



Vós, que não credes em lendas, ou que achais que lendas são boas apenas para embalar crianças, ouçam este conto que um dia um homem muito sábio me leu, em um livro muito grande e muito velho. "Lendas, dizia ele, não são mentiras, mas a essência do real". E assim dizendo, abriu aquele grande livro, e virando com lentidões grandes páginas amareladas, leu para mim a história do Quarto Rei Mago.



"Porque, não sei se você sabe, os Três Reis Magos eram na verdade quatro! Tinham de o ser, pois quatro foram os Evangelistas, cada qual representando um aspecto de Nosso Senhor. São Lucas, nos mostra Jesus principalmente enquanto Homem. É um dos magos, ao trazer a Jesus a mirra, perfume precioso, estava homenageando a Humanidade de Jesus. São Mateus inicia seu Evangelho com a genealogia de Jesus, enfatiza sua realeza, e tem seu

correspondente no mago que presenteou Jesus com ouro. São João, nos mostra Jesus principalmente como Deus, como o mago que trouxe o incenso quiz homenagear. E com isso os magos acabam, mas sobra um evangelista: São Marcos, que tem como símbolo o leão, e que nos mostra Jesus como o Leão de Judá. Não seria lógico que houvesse um rei mago que trouxesse ao Menino um presente digno de um guerreiro? É a lenda desse Quarto Rei Mago que eu agora vou vos contar".

O QUARTO REI MAGO

"...vimos a sua estrêla no oriente, e viemos adorá-lo."

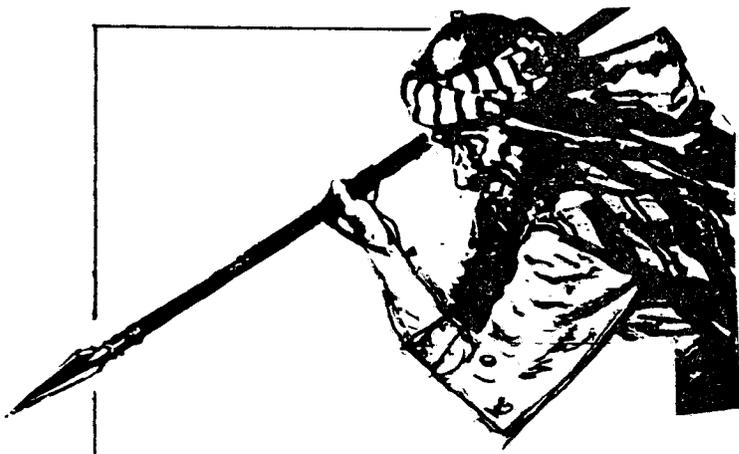
(S. Mateus, II, 1)

Quando a Estrela apareceu, iluminando com sua luz nova o céu do Oriente, os Magos souberam que o Momento, o grande Momento havia chegado. Céleres cavalos cruzaram os desertos, campos e vales do Oriente, levando mensagens urgentes de um rei para outro rei: "Chegou o momento! Nasceu o Rei dos Judeus, vamos adorá-lo!" E combinaram encontro no grande oásis de Aspanvar, à sombra da Maior das Árvores, de onde partiriam juntos, para juntos chegarem àquele que seria o Rei dos Reis.

O velho e sábio rei Tifan, ao ver a Estrela, e depois, ao receber os emissários, percebeu que sua velhice não permitiria que ele fizesse aquela viagem. De bom grado ele iria, e morreria no caminho se preciso fosse,

mas temia que se perdesse o presente que há seiscentos anos seus antepassados guardavam para quando chegasse o Momento: a espada de Davi, trazida por um discípulo do profeta Jeremias para o cativo da Babilônia, e que deveria ser devolvida ao Leão de Judá, da família do próprio Davi.

Não eram vãos os temores do velho rei. Naqueles mesmos dias sentiu ele que a morte se aproximava. Chamou então seu filho e seu herdeiro, o jovem príncipe Nabor, e lhe disse: "Meu filho, a maior herança que lhe deixo não é o reino, mas a espada de Davi. É preciso que essa espada seja entregue ao seu verdadeiro dono, aquele que esmagará definitivamente o mal. Vá, encontre os outros magos, e com eles, encontre o grande Rei." E dito isso, o velho monarca faleceu.



Mas não foram apenas os magos que viram a estrela. Quando ela surgiu, o idolo do deus Amon, aquele mesmo idolo que alguns sacerdotes judeus adoravam secretamente no subterrâneo do templo, soltou de suas entranhas um rugido de ódio e desespero. Bramindo, o demonio que o habitava ordenou a seus assecias que matassem aquele Menino cujo nascimento a estrela vinha anunciar. E ao mesmo tempo lhes deu uma ordem misteriosa: que fossem ao oásis de Aspanvar, e destruíssem a grande árvore que lá crescia. Uma lenda antiquíssima dizia que essa árvore havia sido plantada por Adão e Eva, com uma semente trazida do Paraíso Terrestre. E de uma forma confusa, o demônio sentia que algo nessa árvore existia, que seria o instrumento de sua derrota. E naquela mesma noite, uma caravana de sicários e assassinos galopava para o Oásis de Aspanvar.

Os funerais do pai atrassaram o principe Nabor. E quando sua caravana chegou ao oásis de Aspanvar, encontrou apenas alguns servos deixados pelos Magos, com um recado: haviam seguido viagem. Que ele os encontrasse em Jerusalem, na corte do Rei dos Judeus.



Disposto a não perder mais tempo e com esperanças de alcançar os magos ainda no caminho, Nabor decidiu que continuariam a viagem na manhã seguinte, e que portanto nem mesmo arriariam acampamento. Dormiriam aquela noite ao relento, debaixo daquela imensa árvore cujos galhos mais altos pareciam atingir as nuvens, douradas pelo pôr do sol. E já anoitecia quando Nabor, depois de inspecionar e animar todos os seus homens, desceu de seu cavalo e se dirigiu ao sopé da árvore, onde um servo havia estendido um tapêto e acendido um braseiro. Antes de se assentar, o principe desafivelou o cinto da espada, da preciosa espada de Davi, que trazia sempre consigo, osculou-a como seus antepassados sempre fizeram, e a dependurou num dos galhos mais baixos da árvore.



Então, a maravilha aconteceu. Repentinamente, toda a árvore começou a brilhar. Era um brilho tênue e profundo, como se milhões de vagalumes houvessem pousado sobre todos os seus galhos, sobre cada uma de suas folhas. Encantados com aquele esplendor, o principe e seus servos foram se afastando, formando um grande círculo em redor da árvore, para verem melhor. E foi então, quando estavam absortos na contemplação daquelas luzes, que os assassinos enviados pelos sacerdotes judeus saíram da noite e os atacaram, em meio a gritos de ódio e de furor. Em meio ao tumulto, Nabor entreviu um homem com o rosto rasgado por uma cicatriz grotesca que descia da testa ao queixo, e que comandava aquela coorte de bandidos. Embora lutasse como um tigre, Nabor foi atingido por uma pancada, e largado ao solo, dado por morto. Voltou a si com o ruído imenso que fez a grande árvore ao cair, abatida pelos machados. Viu perto de sua mão uma semente, grande como uma castanha, que emitia um brilho suave. E ainda teve forças para a pegar, antes de desmaiar novamente.

Quando pela segunda vez despertou o sol já ia alto. Todos os seus servos estavam mortos. Os galhos, troncos e sementes da árvore ardiam em uma imensa fogueira. E a sua espada, a espada de Davi, a espada do Rei dos Judeus, havia desaparecido. Restava-lhe as roupas rasgadas e os ferimentos, e foi assim, andrajoso e trôpego, confundindo-se com a multidão dos peregrinos pobres, que o príncipe Nabor, meses depois, subia o monte sobre o qual repousa a cidade de Jerusalém. Vagueou pela cidade santa, surpreso de que ninguém comentasse a respeito do novo Rei dos Judeus, que havia nascido. Conversou com os mendigos e doentes que se ajuntavam à beira da piscina probática ao lado do templo, e soube por um deles, um aleijado que lá estava há já seis anos, que uns Magos realmente haviam estado na cidade conversando com Herodes, mas que logo depois partiram, ao que parece em direção à vizinha aldeia de Belém. Depois, em tom mais baixo, e olhando desconfiado para os lados, o paralítico ajuntou: "mas não vá a Belém. Hoje Herodes convocou todos os soldados, e comenta-se que amanhã ele irá cercar a aldeia, para encontrar e matar uma criança que - dizem - deverá ser o futuro rei."



Pouco mais de duas horas depois, Nabor chegava às primeiras casas da aldeia de Belém. Fizera correndo o percurso desde Jerusalém. Precisava encontrar o Menino, e avisar seus pais do perigo que corriam. Mas onde eles poderiam estar? Na aldeia não se via nenhum palácio, nem casa importante... Perguntaria a alguém...

Extenuado pela corrida e pelo calor, o príncipe se aproximou de um poço, com a intenção de matar a sede, e descansar um pouco. Entardecia. O ar estava dourado, e uma brisa fresca começava a soprar. Nas ruas, as crianças brincavam, tocando flauta e dançando. Algumas mulheres, que preparavam a refeição em frente às suas casas, o olhavam com curiosidade. E foi então, quando se abeirava do pequeno poço de pedra que abastecia a aldeia, que Nabor viu a Senhora. Era uma jovem mulher, que tinha vindo ao poço buscar água, e que trazia às costas o seu filhinho, à maneira de todas as mulheres judias. Talvez aos outros parecesse uma camponesa comum. Mas Nabor era um príncipe, e sabia reconhecer uma rainha, quando via uma. E aquela mulher era sem dúvida uma rainha. Tão impressionado ficou que nem percebeu que a senhora, vendo o seu cansaço, lhe oferecia a bilha de água. Depois, agradecido, tomou da água e bebeu, copiosamente, jogando a cabeça para trás, e deixando que a água refrescante lhe escorresse pelos lábios, e pelo rosto. A sua frente, a senhora sorria e esperava, brincando com o filhinho. Foi apenas quando acabou de beber, e devolvia a bilha, agradecido, que Nabor reparou no menino. E teve certeza de que havia encontrado o seu Rei.



Era um menino belo como um relâmpago, e sentado no colo de sua mãe, parecia reinar sobre todo o universo. E ao mesmo tempo, era também um menino que sorria, brincava e batia as mãos, como todos os outros bebês do mundo. E naquele instante as mãozinhas se estendiam para Nabor, como querendo pegar, como querendo brincar.

Apalpando os trajés rasgados, Nabor encontrou aquela bela semente do tamanho de uma castanha, que havia salvo da árvore destruída. Ela ainda guardava um pouco de seu brilho, e Nabor a ofereceu ao menino, que a pegou, e bateu as mãos com tanta energia que uma pontinha da semente arranhou de leve sua palma, fazendo aflorar uma gotinha de sangue, que a semente absorveu. O menino não chorou, mas se tornou sério. A senhora devolveu a semente a Nabor, e beijou as palmas do filho. Depois sorriu novamente, tomou a bilha de água, e se afastou.

Anoitecia.

Confusamente, Nabor percebeu que algo de muito importante havia acontecido, mas não sabia o quê. Deveria ter avisado a mãe do perigo que a criança corria, mas ficara tão absorto, que se esquecera. Mas dormiria ali, e logo pela manhã se informaria onde estava a senhora e a criança. E as levaria para um lugar seguro, para seu reino, no oriente.

Na manhã seguinte, Nabor encontrou a Gruta, mas já não havia ninguém lá. Um pastor que passara a noite em vigília lhe disse que a senhora e o menino haviam abandonado a aldeia à noite, protegidos por um guardião semelhante a um príncipe guerreiro, chamado José. Entristecido, mas tranquilizado quanto à segurança do menino, Nabor voltou ao poço. Queria ordenar suas idéias, e decidir o que faria a seguir.

Enquanto pensava, Nabor revivia aqueles momentos da tarde anterior, que haviam sido os mais felizes de sua vida: a senhora, o menino, aquelas mãozinhas se agitando...



A semente! Nabor a havia esquecido. Procurou-a nas dobras de seu manto, e quando a examinou teve uma surpresa: a semente estava brotando. Naquela pontinha que havia arranhado a palma do menino surgia agora um broto, uma folhinha em forma de estréla, e que brilhava como um vaga-lume em noite de verão. Para que a árvore pudesse crescer, Nabor a plantou com cuidado ali ao lado do poço, onde a umidade nunca iria faltar. E levantava um abrigo de pedras para proteger a semente, quando ouviu um grito de desespero na entrada da aldeia. Um camponês em fuga passou por ele, contando que os soldados de Herodes estavam matando todas as crianças, de dois anos para baixo. E quem os comandava era um homem terrível, com uma grande cicatriz que descia da testa ao queixo.





Todas as crianças da aldeia! Indignado com aquela infâmia, Nabor resolveu lutar e defender aqueles inocentes, como se cada um deles fôsse o seu rei. E repentinamente, os soldados de Herodes perceberam que aquela matança não iria ser tão fácil como lhes parecia. Um tigre havia surgido à sua frente. Armado primeiro de um bastão nodoso, e logo depois da espada de um dos soldados mortos, Nabor lutou com uma fúria calculada, formando em seu redor um círculo de corpos feridos e sangrentos.

Mas os soldados eram muitos, Nabor estava só, e a luta finalmente terminou. Ferido, contundido e sangrando, Nabor finalmente foi dominado, amarrado e atirado ao solo, cercado pelos soldados enfurecidos. Iriam torturá-lo até a morte, mas foram impedidos pelo homem da cicatriz: "Temos um trabalho a fazer. Esse homem, nós o enviaremos para as minas de chumbo, onde as pessoas morrem bem lentamente, e de onde nunca ninguém voltou". Dizia isso brandindo a espada, tinta de sangue inocente. E então, Nabor viu que aquela era a sua espada, a espada do rei Davi. Agora ele tinha uma razão para voltar.



As minas de chumbo de Kburacum, na Britânia Inferior, eram um lugar tão insalubre e maldito que nunca houvera escravo condenado a trabalhar naqueles túneis úmidos e envenenados, que suportasse mais que algumas dezenas de meses antes de morrer. O príncipe Nabor sobreviveu lá dentro mais de trinta anos. O que o mantinha vivo era a vontade de cumprir sua missão: encontrar a espada de Davi, e entregá-la a seu rei. Não sabia como iria fugir, nem como atravessaria o Império Romano de um extremo ao outro, nem como iria encontrar o homem da cicatriz. E depois, não sabia onde iria encontrar aquele Rei e aquela rainha que vira no mais belo dia de sua vida. Mas os encontraria. A lembrança daquele encontro, do sorriso da senhora e das mãozinhas do menino lhe dava alento, e a certeza de que Deus de alguma forma o haveria de ajudar. Enquanto isso, ele praticava o bem, ajudando e aconselhando os companheiros de infortúnio, e mostrando-lhes como aquele sofrimento poderia reverter em bem para si e para os outros. E esperava, alerta, a oportunidade que Deus certamente lhe iria dar.

Um dia, um novo arrepio de horror percorreu aqueles escravos embrutecidos. No mais profundo das galerias, quando os guardas se distraiam, murmurava-se sobre o novo feitor que havia chegado. Um homem tão ruim, diziam, que os próprios governantes romanos o temiam, e para se livrar dele, o haviam enviado para aquele fim de mundo. Diziam que se divertia matando crianças... e que tinha uma enorme cicatriz que descia da testa ao queixo, rasgando o olho...

Nabor ouviu aquilo, e sorriu. Deus o havia ajudado.

Al-Fhassur, o guarda pessoal do feitor, nunca conseguiu explicar direito o que havia acontecido naquela noite. Seu patrão havia se deitado, e como sempre, demorara para dormir, atormentado que era por visões de crianças e de sangue. Ele, o guarda, se deitara na soleira da única porta, depois de verificar se a única janela estava bem trancada. E acordara de madrugada, com a cabeça doendo, amarrado e amordaçado. Viu o feitor sobre o leito, amarrado também, sem mordaca, mas calado, com os olhos fixos na adaga que repousava sobre sua garganta. E quem segurava a adaga era um homem alto, de cabelos grisalhos, vestido como os escravos das minas, que estava de pé, ao lado do leito. E o homem inquiria seu patrão sobre uma espada, a espada de seu rei... e o feitor, por sua vez, respondeu que lhe contaria da espada se, jurando pelo seu rei, o homem alto o deixasse viver... E falou sobre um esconderijo, nos subterrâneos do templo de Jerusalém, onde o demônio era adorado, e onde a espada ficou... e depois a lâmpada de óleo fora apagada... e um berro se ouviu no escuro... e quando os guardas de fora arrombaram a porta, encontraram apenas a ele, amarrado, e o feitor, amarrado também, sem nenhum ferimento, imóvel, com o único olho arregalado. Morrera de pavor.

Trinta e três anos depois da primeira vez, o príncipe Nabor voltava a subir o monte sobre o qual repousava a cidade de Jerusalém. Como antes, vinha para trazer um presente ao seu rei. Durante a grande viagem que fizera da Britânia até ali, ouvira falar cada vez com mais frequência de um homem chamado Jesus, que nascera em Belém, que curava, que ensinava a verdade, e a quem

os escribas e fariseus odiavam. E por esses sinais reconhecera que esse homem era o seu Rei. Quando desembarcou em Cesaréia, soube que Jesus estava em Jerusalém. E agora, enquanto subia o monte, cogitava que lá no alto estavam os dois objetivos de toda a sua vida: a espada de Davi, e Jesus, seu Rei e filho de Davi.

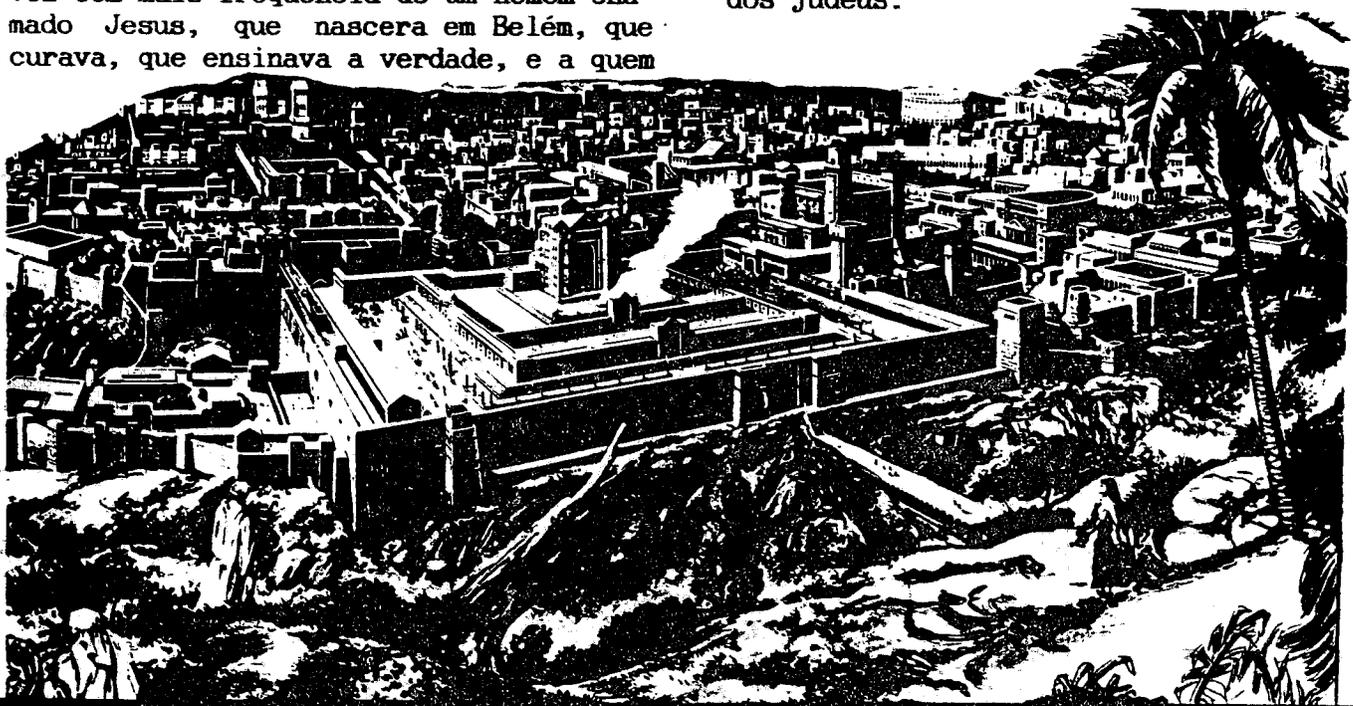


Entardecia.

Era por volta de três da tarde. Estranho que, em pleno período da páscoa, as ruas estivessem tão desertas... O que estaria acontecendo?

Impetuosamente, Nabor entrou nos edifícios do Templo, disposto a esmagar qualquer pessoa que o quisesse impedir. Mas... Não havia ninguém. Todos aqueles pátios e salas estavam desertos. Lá fora, os céus começaram a escurecer. O vento, soprando mais e mais forte, entrava impetuoso, escancarando as portas, e derrubando os grandes candelabros de bronze. O chão começou a tremer.

Correndo de sala em sala, entre as paredes que tremiam e que lascavam, Nabor chegou a um salão riquíssimo, dividido por uma cortina enorme, bordada de ouro e de púrpura. Era o Véu do templo, que separava o Santuário do Santo dos Santos, o mais sagrado lugar dos judeus.



E então, diante dele, o Véu do templo se rasgou. Gemendo como um animal agonizante, partiu-se de alto a baixo, com um rasgão em forma de raio, que se espalhava para os lados, e reduzia tudo a farrapos, a lixo, a pó. E atrás do véu rasgado, uma porta secreta estalou e voou de seus gonzos, deixando à mostra a escada que conduzia aos subterrâneos. Correndo, o príncipe desceu, enquanto as lages oscilavam sobre sua cabeça. E lá nas profundezas, exatamente embaixo do Santo dos Santos, viu um altar todo negro diante de uma figura com cabeça de bode. E viu, presa à parede, do outro lado da sala, a espada de Davi, enegrecida de sangue coagulado. As lages do teto começaram a cair.

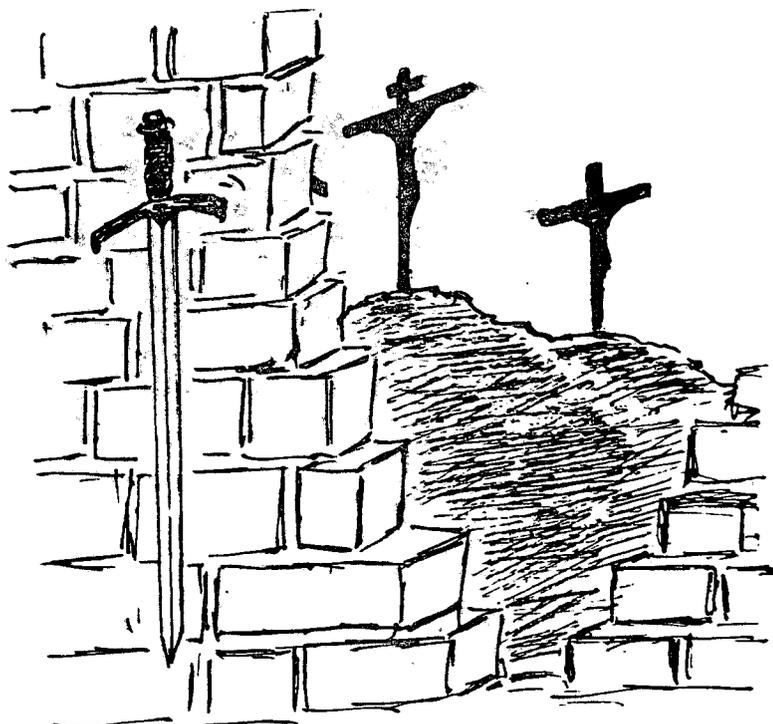


Nabor correu para a espada. Mas quando a alcançava, um tremor mais forte o atirou para trás. A sua frente a parede se rachou, deixando entrar a luz de fora. Por um instante a espada pareceu ficar parada no ar. Depois, caiu dentro de uma rachadura fumegante que se abriu no solo, e que logo em seguida se fechou. Ainda atordoado pelo choque, Nabor imaginava a espada no mesmo local. Mas logo viu seu engano. A parede desabara, e lá fora os relâmpagos iluminavam a escuridão. E aquilo que ele imaginara ser a espada, era na verdade o vulto de algo erguido sobre o monte ao lado. O vulto de uma Cruz.

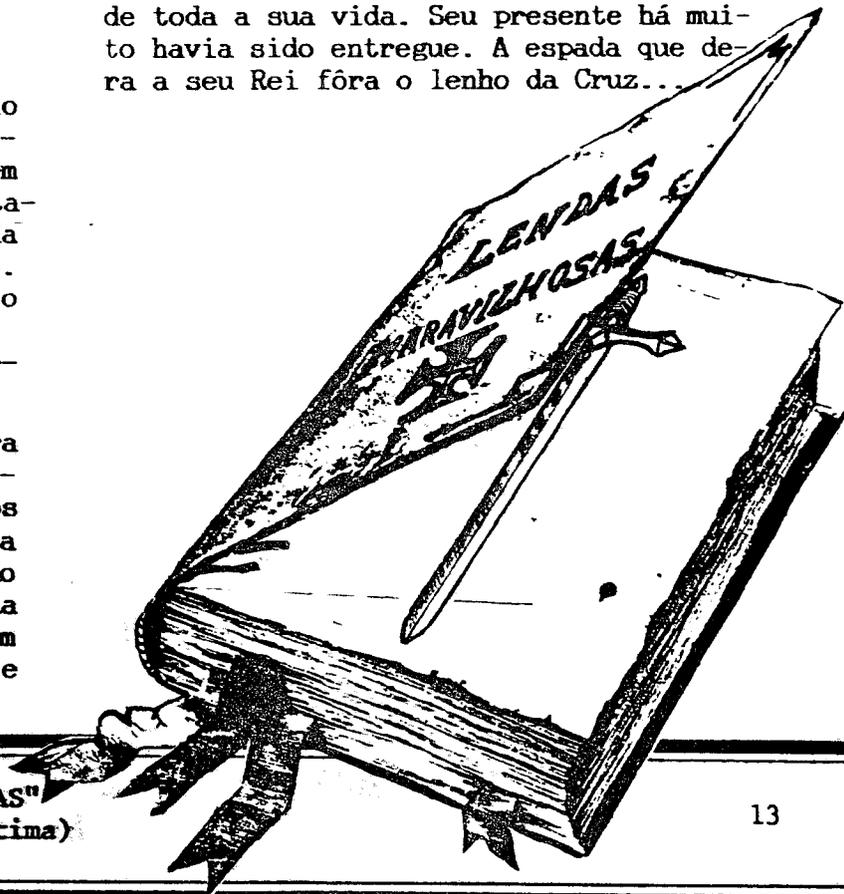


Temendo que todo o templo desabasse, Nabor saiu pela própria abertura da parede. E seguindo em frente em meio do vento que soprava e a tempestade que rugia, foi subindo o monte da cruz. Muitas pessoas fugiam espavoridas. Outras porém, serenas, olhavam para o Homem Crucificado, e pareciam rezar. Aproximando-se mais, Nabor leu a tabuleta: "Jesus Nazareno, Rei dos Judeus".

Era o seu Rei! Passara toda a vida em busca de seu Rei e da espada, e num mesmo momento, perdera os dois! Mas então, porque Deus o inspirara e sustentara todos aqueles anos? Se não era para entregar o seu presente, sua vida havia sido em vão... Confuso, sem saber o que pensar, Nabor se voltou... e viu, ao seu lado, a senhora.



Era ela mesmo, não havia dúvida. De pé, amparada por um jovem, ela contemplava seu Filho crucificado. Era tão bela em sua dor, que o vento parecia não a tocar. Nabor falou ao jovem, e lhes ofereceu seus préstimos, seu auxílio. Chorando, contou quem era, e de como não conseguira trazer o presente de seu Rei. E o jovem o tranquilizou, explicando que aquilo não era o fim, mas o início. Daquela cruz nascera a salvação para todos os homens. Então, Nabor se ajoelhou, e apoiou sua frente no Lenho, por onde o Sangue escorria. E quando seus olhos se aproximaram, percebeu que num pontinho daquele tronco estava nascendo um broto, uma folhinha em forma de estrela, que no meio da tempestade, brilhava como um vagalume em noite de verão. Comovido, Nabor entendeu a razão de toda a sua vida. Seu presente há muito havia sido entregue. A espada que dera a seu Rei fôra o lenho da Cruz...



DEFENSORES DO ASSASSINATO

Após um período de silêncio, voltaram à carga em sua malsinada campanha, os abortistas. E, como não tem argumentos, voltaram com suas cantilenas, mentiras e falácias. Vieram, outrossim, fingindo de uma sã argumentação e não respondendo às questões que nós, católicos, levantamos.

É brutal a cegueira voluntária dos defensores do assassinato dos inocentes. Ou melhor, é trágica a sua má fé.

Ainda recentemente, lemos um "argumento" de uma abortista que diz não saber quando começaria a vida no útero materno e que portanto seria legítima a prática assassina do aborto.

Quanta maldade num só raciocínio!

Em primeiro lugar, se não se soubesse quando começa a vida humana, isso não validaria a prática criminosa do aborto. Sim, se não se soubesse quando começa a vida humana, não se saberia também quando não haveria vida humana e portanto seria temerário, imoral, arbitrário, criminoso de igual maneira o morticínio de crianças que é o aborto.

Mas, não existem dúvidas a respeito. A moderna ciência afirma que no instante da concepção, na primeira célula da criança já existe uma pessoa humana. No primeiro instante da concepção já estão presentes todas as características genéticas que acompanharão a vida da pessoa, tais como altura, cor da pele, doenças genéticas, etc. Quem defende isto textualmente é a Organização Mundial da Saúde (OMS).

Está portanto furado mais este falso argumento abortista.

Nesta mesma linha, vem outros defensores do brutal homicídio de crianças querer estabelecer um limite de tempo, em que se poderia abortar. Falam eles, por exemplo, em 3 meses de gestação. O que dissemos acima responde igualmente a esta outra brutalidade. E mais, tão monstruosa arbitrariedade é equivalente a estabelecer-se um limite máximo para a vida humana. Por exemplo: após os 80 anos de idade seria legítimo tirar-se a vida de alguém. Não acreditamos que nenhum leitor endosse tal barbaridade.

São mais ainda as mentiras abortistas. Dizem outros que só haveria vida humana quando houvesse capacidade para amar ou para decidir.

Outra vez, aí estão presentes mentiras, cegueira voluntária, má fé.

AJUDE O DESBRAVADOR ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"

Alguns bons amigos atenderam nossos apelos e nos ajudaram. Mas, voltamos a pedir ajuda, pois as dificuldades financeiras nos impelem a isso. Você, aável leitor, estimada leitora pode também nos ajudar. Para tanto, basta ir a qualquer agência ou do Banco Itaú ou do Bradesco e nelas enviar sua contribuição para as nossas contas respectivas:

NO BANCO ITAU:

CONTA CORRENTE 00433-0, EM NOME DO GRÊMIO ESPORTIVO, RECREATIVO E CULTURAL SANTA MARIA - AGÊNCIA 0003-MERCÚRIO-SÃO PAULO-SP

NO BRADESCO:

CONTA CORRENTE 24019-2, EM NOME DO GRÊMIO ESPORTIVO, RECREATIVO E CULTURAL SANTA MARIA - AGÊNCIA 278-P - GASÔMETRO -SÃO PAULO- SP

ERRAMOS: O penúltimo parágrafo, da página 4, de "O DESBRAVADOR" números 189/190, deve ser lido na forma interrogativa.



Quem não pode amar ou decidir não é por acaso um ser humano? Um jovem em coma, após um acidente, uma anciã vítima da por um derrame estão inconscientes, mas não são pessoas humanas? Não tem e les direito a vida? Mata-los é gravíssimo assassinato. Matar uma criança por aborto, é também assassinato. Portanto, defender o aborto é defender assassina-
tos.

Quando se chega a um ponto deste em uma discussão com um abortista, ele, sem resposta, apela para o que julga ser o seu ás na manga e diz que a mulher tem direito sobre seu corpo e portanto pode
ria abortar.

Ó mã fê horrorosa!

Quantas vezes já se disse que nin-
guém, nem homem nem mulher pode fazer o que quiser com seu corpo. Não podemos nos mutilar, por exemplo.

Mais, a criança no ventre materno não é parte do corpo materno. É um novo ser humano, é uma nova vida, é uma nova pessoa, e, portanto tem direito a vi-
ver e nem sua mãe, nem seu pai, nem me-
dicos, enfermeiras podem mata-la. Nin-
guém pode mata-la. A moderna ciência de-
fende este ponto de vista, que aliás a
Santa Igreja Católica já defendia desde
o seu surgimento.

Não há nenhum argumento que justifi-
que o aborto. Não há nenhum fato que o
faça lícito.

O aborto foi, é, e será um bárbaro
assassinato e por mais que esperneiem
seus defensores, eles continuam errados.

Esperamos que o Menino Jesus, por
meio de Nossa Sefhora, nos conceda a in-
signe graça de continuar lutando con-
tra o aborto e que esta graça seja ex-
tensiva a todos os nossos leitores, ami-
gos e colaboradores.

E auguramos uma graça também insig-
ne aos abortistas: a graça da luz, a
graça de enxergar a verdade e se trans-
formarem em campeões da luta contra o
aborto.

POSFÁCIO: TRAMITA NO CONGRESSO NA-
CIONAL UM PROJETO QUE PROÍBE TERMINANTE-
MENTE TODA FORMA DE ABORTO. VAMOS LUTAR.
VAMOS ESCREVER A NOSSO DEPUTADO, A NOS-
SO SENADOR QUE APROVE E LUTE PARA QUE
SE APROVE TAL MEDIDA. O MENINO JESUS O
ABENÇOARÁ E RECOMPENSARÁ POR ISSO. NOS-
SA MÃE CELESTIAL O CUMULARÁ DE ESCOLHI-
DAS GRAÇAS.



A Jesus, Rei de Amor

O FILHO DE DEUS QUIS SE MOSTRAR AOS HOMENS SOB A FORMA DE UM GRACIOSO MENINO, A FIM DE GANHAR MAIS DEPRESSA E FORTEMENTE OS SEUS CORAÇÕES. OS MENINOS SÃO DE SI MESMO AMÁVEIS, INSPIRAM SENTIMENTOS DE TERNURA A QUEM QUER QUE OS OLHE. O VERBO DIVINO SE FEZ ENTÃO VER NESTA DOCE CONDIÇÃO DE MENINO PARA OBTER O AMOR DE TODOS OS HOMENS.

Verbo Divino, feito homem, pelo meu amor, ainda que Vos veja tão humilhado e sob a forma de um menino, contudo Vos confesso e reconheço como meu Senhor e meu Rei, mas Rei de Amor. Amadíssimo Salvador meu, é para reinardes nos nossos corações que viestes ao mundo revestir-Vos de nossa miserável carne. Ah! Vinde estabelecer o Vosso reino no meu coração!

Outrora pertencia ele aos Vossos inimigos, mas é Vosso agora, disto tenho confiança. Quero que doravante sejais meu único Senhor. Pela força das armas reinam os outros reis, mas Vós só pela força do amor quereis reinar. Eis porque não viestes ao mundo com pompa majestosa, vestido de púrpura e ouro, ornado de cetro e coroa, nem cercado de soldados.

Viestes a nascer num estábulo, pobre, desamparado, e quereis começar a reinar assim em nossos corações. Meu Rei Menino, como pude revoltar-me, tantas vezes contra Vós, ficar tanto tempo inimigo Vosso? Ó meu Rei, meu doce Jesus, que tão amável e amante sois, tomai posse de minha alma: sem reserva, Vo-la dou.

Dignai-Vos de recebê-la para sempre em Vosso serviço, e fazei que ela Vos sirva somente por amor. A Vossa majestade merece ser temida, mas a Vossa bondade ainda mais merece ser amada.

Ó Rei de meu coração, sois Vós e sereis sempre, meu único Amor.

Amadíssima Soberana minha, Augustíssima Virgem Maria, a Vós pertence obter-me a graça de ser fiel a este Rei querido de minha alma.

SANTO AFONSO MARIA DE LIGÓRIO

